

# LUSITANO IMPERO

Música para a Real Câmara de D. João V

REALCAMARA  
BAROQUE ORCHESTRA



REALCAMARA  
BAROQUE ORCHESTRA



[www.realcamara.com](http://www.realcamara.com)  
[orquestra@realcamara.com](mailto:orquestra@realcamara.com)

# REAL CÂMARA

---

A Real Câmara é uma orquestra portuguesa dedicada à interpretação historicamente informada, com especial enfoque no repertório setecentista português, e nas suas ligações a Itália.

Fundada por intérpretes portugueses com formação específica na área da música antiga, e que desenvolvem uma actividade profissional regular em agrupamentos de renome europeu, a Real Câmara centraliza e potencia um trabalho que já vinha sendo realizado por vários dos seus membros, desde há vários anos e em contextos paralelos, com o maestro Enrico Onofri, sempre com grande empatia e partilha artísticas.

A recuperação de património musical, identitário da abordagem musical de cariz histórico, é parte integrante dos percursos de vários dos membros da orquestra — dois deles doutorandos em musicologia histórica — sendo este vínculo com a historiografia musical reforçado pela colaboração com outros musicólogos especializados no século XVIII português, entre os quais se destaca a consultora científica da Real Câmara, Doutora Cristina Fernandes. Nesse sentido, é dada particular atenção ao alargado espólio da Biblioteca da Ajuda, assim como ao de outros arquivos nacionais e internacionais, como a Biblioteca Nacional de Portugal, ou o Arquivo da Fábrica da Sé Patriarcal de Lisboa, onde é mantida uma grande quantidade de obras que não conheceram ainda execuções modernas. A colecção de música vocal da Biblioteca da Ajuda ocupa um lugar de destaque, assim como várias

obras sacras de tradição especificamente portuguesa que têm sido negligenciadas até à data.

A Real Câmara pretende explorar as importantes ligações musicais entre Portugal e Itália, para onde foram estudar várias gerações de bolseiros portugueses — para Roma, no reinado de D. João V, e para Nápoles, nos reinados de D. José I e de D. Maria I — como Francisco António de Almeida, João Rodrigues Esteves, António Teixeira, João Cordeiro da Silva, Jerónimo Francisco de Lima, João de Sousa Carvalho e Marcos Portugal. De Itália chegaram a Portugal inúmeros grandes compositores que por aqui trabalharam — como Domenico Scarlatti, Emanuele D’Astorga, Rinaldo Di Capua e Giovanni Bononcini — ou que aqui mesmo se fixaram — como os Avondano, Giovanni Giorgi, Gaetano Maria Schiassi e Davide Perez. Será dada ainda especial atenção a músicos que escreveram obras para a corte portuguesa e para os seus embaixadores, como Alessandro Scarlatti, Nicola Porpora e Niccolò Jommelli.

Paralelamente à divulgação do trabalho desenvolvido no contexto nacional, a orquestra tem entre os seus objectivos principais a divulgação internacional do seu trabalho e do património imaterial português, regendo-se por padrões musicais de alto nível. Este processo passa pela edição fonográfica de repertório português por revelar do século XVIII, assim como pela participação no circuito internacional de concertos e festivais dedicados à interpretação historicamente informada.

# LUSITANO IMPERO

---

Música ao gosto italiano para a Orquestra da Real Câmara no tempo de D. João V

*“Real Cittade, e il nome da Ulisse prenderá, chiara, e famosa;  
quivi la maestosa sede del Lusitano Impero!”*

*Il Vaticinio di Pallade, e di Mercurio – Palácio Real da Ribeira, Lisboa – 1731*

Lisboa no final do século XVII mantinha-se muito afastada da vida cosmopolita das outras capitais europeias, mesmo sendo uma das mais populosas cidades do seu tempo. Será apenas nos reinados de D. João V (rei de 1706 a 1750) e do seu filho D. José I (rei de 1750 a 1777) que Lisboa se transformará progressivamente numa metrópole moderna e desenvolvida. D. João V, todo-poderoso devido à afluência do ouro e dos diamantes do Brasil que encheram os cofres do Palácio da Ribeira, sonha agora com os esplendores da Roma papal e da Versalhes de Luís XIV. Em Lisboa renova-se e aumenta-se o Palácio Real, constrói-se a nova Capela Real, elevada à categoria de Catedral de «Lisboa Ocidental» e Basílica Patriarcal (dignidade apenas comparável no Ocidente a Veneza e à própria Roma), elevam-se palácios e igrejas e não se descutam as obras públicas. Percebendo a importância da religião na sociedade portuguesa, e apaixonado pelo fausto do cerimonial litúrgico, D. João V interessa-se especialmente pela música sacra. Envia para Roma jovens e talentosos músicos, tais como Francisco António de Almeida (1703-1754), António Teixeira (1707-1774) e João Rodrigues Esteves (ca.1701-1752), para estudarem com os mestres italianos. Nesse tempo, Roma era ainda um dos grandes centros musicais da

Europa, graças sobretudo ao mecenato dos cardeais Colonna, Pamphili e Ottoboni, do marquês Ruspoli e da rainha Maria Casimira da Polónia. Todos eles eram membros da celeberrima Accademia dell’Arcadia, tal como o próprio D. João V — que generosamente pagou a edificação da sede da Accademia, o belíssimo Bosco Parrasio — e os embaixadores de Portugal, como o marquês de Fontes.

Por sua vez, a rainha D. Maria Ana de Áustria (regente em 1716 e entre 1742 e 1750, em períodos de doença do seu marido, D. João V) foi a principal responsável pela revitalização da música profana na corte portuguesa, estabelecendo o costume das grandes serenatas de corte aquando das celebrações de aniversários, onomásticos, casamentos e baptizados reais. Instituiu ainda saraus e bailes regulares nos seus aposentos, a que concorria a melhor nobreza nacional e os embaixadores estrangeiros. Sob o seu impulso, mas de forma mais pontual, introduziram-se também na corte os espectáculos operáticos, mas apenas durante o Carnaval, e para um público mais reservado.

**Francisco António de Almeida** (1703-1754) compôs obras em estilo arcádico, primeiro em Roma para a embaixada portuguesa e, já em Lisboa, as primeiras óperas portuguesas – em língua italiana – e várias

serenatas de corte.

*La Paziienza di Socrate* é uma ópera cómica, tal como todas as outras estreadas na corte no tempo de D. João V mas com a prerrogativa de ser a primeira a ser escrita por um português. Foi composta por Almeida sobre um libreto adaptado por Alexandre de Gusmão (1695-1753), secretário pessoal do rei, que havia igualmente vivido em Roma, e uma distinta personagem no meio intelectual e político português. O texto original, usado anteriormente em Viena, foi seguramente importado por ordem da rainha D. Maria Ana que, como se viu, foi a grande impulsionadora das novas formas de entretenimento e sociabilidade introduzidas na corte portuguesa.

O programa propõe duas árias desta obra, que infelizmente sobrevive incompleta, não permitindo a sua recuperação integral. De entre as serenatas, destaca-se *Il Vaticinio di Pallade, e di Mercurio*, cantada no Palácio Real da Ribeira em 1731, e que culmina com louvores a D. João V. Apresenta-se aqui uma ária desta obra — da qual também só sobrevivem extractos.

Os embaixadores do «Fidelíssimo» Rei de Portugal, enquanto principais mecenas romanos, encomendaram, quer para a embaixada em Roma, quer para a Capela Real, saraus e teatros de Lisboa, obras a notáveis compositores, como Gasparini, Porpora, Leo e Alessandro Scarlatti. À própria corte de Lisboa chegaram também vários grandes músicos italianos, contratados pelo Magnânimo.

O mais famoso foi, sem dúvida, Domenico Scarlatti (1685-1757), mestre de capela em S. Pedro no Vaticano, e contratado para a corte portuguesa — tal como Giovanni Giorgi (ca.1700-1762), mestre de capela de

S. João de Latrão — entre muitos outros músicos afamados.

Menos famoso hoje, mas importantíssimo para a história da música portuguesa é **Pedro Jorge Avondano** (1692-ca.1755?), violinista genovês naturalizado português, que foi o líder da orquestra da Real Câmara no tempo de D. João V, e deu origem a uma brilhante dinastia de compositores e instrumentistas, dos quais se distingue o seu filho, Pedro António Avondano (1714-1782). As obras de Pedro Jorge Avondano foram conhecidas e apreciadas no estrangeiro, sobrevivendo em Dresden alguns trios de cordas, a que se veio juntar uma colecção recentemente descoberta de cativantes divertimentos para cordas, preservados em Munique. Se a maioria destas composições, escrita para dois violinos e baixo contínuo, parece ter sido destinada a uma formação de câmara, já um deles foi claramente composto para orquestra, ao incluir uma parte de viola.

Assim, e tomando como exemplo práticas setecentistas bem documentadas, bem como modelos coevos e próximos do contexto musical português — nomeadamente os das sonatas de Corelli e Scarlatti, adaptadas respectivamente por Geminiani e por Avison como concertos orquestrais — realizaram-se transcrições de alguns dos divertimentos de Avondano, permitindo assim, não só a sua primeira apresentação contemporânea, mas também o enriquecimento do repertório orquestral setecentista nacional.

Atraídos por este novo e florescente centro musical, acorreram a Lisboa muitos músicos de grande prestígio internacional, como Gaetano Maria Schiassi (1698-1754), que foi o director do primeiro teatro de ópera público em Lisboa, a Academia da

Trindade.

Para essa sala, o grande Giovanni Bononcini (1670-1747), rival de Händel em Londres, compôs a sua ópera séria *Farnace*, estreada no Carnaval de 1735, e da qual se recupera a única ária conhecida que sobreviveu.

O napolitano **Rinaldo di Capua** (ca.1705-ca.1780) foi outro famoso compositor que residiu alguns anos em Lisboa, tendo aqui composto pelo menos três óperas, das quais se conservou *Catone in Utica*, ainda que incompleta. Foi estreada no Teatro da Rua dos Condes em 1740, e dela recuperamos uma ária, assim como um outro excerto de um dos seus posteriores sucessos, a ópera *Adriano in Siria*, composta em Roma em 1758.

Ambas as partituras se encontram felizmente preservadas na Biblioteca do Palácio da Ajuda, embora a maior parte das obras de todos estes autores tenha desaparecido no malogrado terramoto de 1755 que destruiu quase completamente a cidade de Lisboa.

Graças ao intenso trabalho de investigação levado a cabo nos últimos anos, tem sido possível resgatar alguns verdadeiros tesouros, como os que são agora dados a ouvir, que comprovam a vitalidade da música em Portugal durante o reinado do «Rei Magnânimo».

**Fernando Miguel Jalôto**

# PROGRAMA

---

## **Pedro Jorge Avondano (1692-ca.1755?)**

Divertimento I em dó menor

*(1748, Divertimenti a due violini e bassi, Bayerische Staatsbibliothek – Munique)*

## **Rinaldo di Capua (ca.1705-ca.1780)**

“Nacqui agli affani in seno”

*Ária de Emilia do Dramma per Musica  
Catone in Utica*

*(1740, Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda – Lisboa)*

## **Giovanni Bononcini (1670-1747)**

“Mio sposo t’arresta”

*Ária de Tamiri do Dramma per Musica  
Farnace*

*(1735, Bibliothèque Nationale de France – Paris)*

## **Pedro Jorge Avondano**

Divertimento II em sol maior \*

*(1747, Divertimenti a due violini e bassi, Bayerische Staatsbibliothek – Munique)*

## **Francisco António de Almeida (1703-1754)**

“Nell’incognito soggiorno” \*

*Ária de Phito do Dramma comico da  
cantarsi La Paziienza di Socrate*

*(1733, Biblioteca Nacional de Portugal – Lisboa)*

## **Pedro Jorge Avondano**

Divertimento VII em dó maior \*

*(1748, Divertimenti a due violini e bassi, Bayerische Staatsbibliothek – Munique)*

## **Francisco António de Almeida**

“Ogni fronda chè mossa dal vento”

*Ária de Calipso da Serenata Il Vaticinio  
di Pallade, e di Mercurio*

*(1731, Biblioteca Nacional de Portugal – Lisboa)*

## **Francisco António de Almeida**

“Camminante che non cura face amica” \*

*Ária de Alcibiade do Dramma comico  
da cantarsi La Paziienza di Socrate*

*(1733, Biblioteca Nacional de Portugal – Lisboa)*

## **Pedro Jorge Avondano**

Divertimento IV em ré menor \*

*(1748, Divertimenti a due violini e bassi, Bayerische Staatsbibliothek – Munique)*

## **Rinaldo di Capua**

“Tutti nemici e rei, tutti tremar dovete”

*Ária de Adriano do Dramma per Musica  
Adriano in Siria*

*(1758, Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda – Lisboa)*

\* PRIMEIRA AUDIÇÃO MODERNA

REALCAMARA  
BAROQUE ORCHESTRA

